

Entre camisas e fantasias: a arte de fazer o chão do Salgueiro¹

Vítor Gonçalves Pimenta

LEEECC-PPGA (UFF/Brasil)²

Palavras-chave: Camisas, Fantasias, Salgueiro

Introdução

Depois de reverberar algumas questões importantes sobre os corpos brincantes que fazem o carnaval do Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro no artigo intitulado “Algumas reverberações sobre o chão do Salgueiro”, apresentado no XVI Congresso de Antropologia na Colômbia e no V Congresso da Associação Latino-americana de Antropologia, considero oportuno me debruçar sobre a produção identitária dos componentes da comunidade através dos objetos: camisas e fantasias.

Nesse artigo anunciado na Colômbia, buscou-se experimentar os ensaios da comunidade, seguindo as palavras de Seghor (1982), em busca da melhor maneira de se alcançar o conhecimento, ou seja, sentindo o Outro, dançando o Outro, e fazendo desse encontro minha existência. Assim, nesta postura enérgica, tentou-se quebrar a dicotomia entre teoria e prática, produzindo um espaço de conhecimento, “onde um corpo sente o outro corpo, onde um corpo dança o outro corpo, onde corpos se conectam uns aos outros na experiência dinâmica, vital de conhecer e compreender o mundo a partir de seus corpos dançantes, que brincam de sambar o mundo” (PIMENTA, 2017, p. 20). Aqui, o objetivo é partir de uma percepção sobre o caráter estético e político da dança, vista sobre a ótica das relações entre o lugar, o ritmo e a gestualidade, como realizado anteriormente, somando-se uma reflexão sobre os objetos que produzem os corpos brincantes, indagando os/as componentes por meio de entrevista semi-estruturada³.

De uma maneira ampla, compreende-se que esses objetos exercem funções identitárias, manifestando simbolicamente nossas identidades individuais e sociais e, ainda, organizam, individualmente e coletivamente, nosso entendimento sobre nós

¹ “Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.”

² Agradeço ao meu orientador Julio Cesar de Tavares as trocas frutíferas para além das fronteiras acadêmicas. Agradeço à Livia Buxbaum o apoio presente e resistente na contribuição da minha escrita. Agradeço à FAPERJ por financiar minha pesquisa de doutorado e seus desdobramentos. Agradeço ao professor Daniel Bitter (PPGA-UFF) as ideias sobre o tema do artigo. Agradeço aos/às componentes do Salgueiro, sem elas/es este trabalho não seria possível.

³ As entrevistas qualitativas seguiram roteiro pré-definido, composto com perguntas abertas, tratando de questões referentes à origem e trajetória social e à ala da comunidade ou comercial – relação com a escola, lembranças de outros carnavais, os ensaios, o samba enredo, sobre a fantasia, o ensaio técnico, o desfile, assistir e patrimônio.

mesmos (CLIFFORD, 1985; GONÇALVES, 2007). Camisas e fantasias se relacionam fortemente ao corpo e às suas técnicas (MAUSS, 2003; BITTER, 2010), alcançando-se seus sentidos potentes, quando se as percebem por meio dos/as componentes que as usam.

Nesse sentido, a partir da experiência dançante (PIMENTA, 2017) e dos depoimentos dos/as componentes, apresentados no momento da entrevista, busca-se, aqui, investigar como esses objetos, que marcam a construção estética e política do chão nos ensaios e desfiles da escola, se comunicam com os dois paradigmas que estruturam as escolas de samba e suas relações com o desfile. Esses paradigmas estruturantes são: o “visual” e o “samba no pé” (CAVALCANTI, 1994). Para a autora, o “samba” refere-se ao aspecto festivo do desfile, no qual o destaque é a performance coletiva dos componentes, marcada pelo cantar, dançar, brincar o samba enredo. O “visual” refere-se à dimensão plástica do desfile, destacando-se os elementos expressivos como as fantasias, os adereços, as alegorias, e o caráter espetacular. Nesse sentido, este artigo tem como foco os objetos que constroem o carnaval do Salgueiro.

Precisamente, em termos geográficos, a escola de samba Acadêmicos do Salgueiro, nascida no Morro do Salgueiro, na cidade do Rio de Janeiro, localiza-se na Serra da Carioca, maciço da Tijuca, também chamada de Morro do Mirante. O acesso ao morro dá-se, principalmente, pela Rua General Roca, que se inicia na famosa Praça Sáenz Peña, coração do bairro tijucano, Zona Norte carioca. “Sua população original, formada a partir dos primeiros anos após a abolição da escravatura, congrega muitas famílias negras oriundas do Vale do Paraíba e adjacências e foi, pelo menos até os anos de 1980, forte polo irradiador de tradições culturais de origem africana” (LOPES; SIMAS, 2015, p. 245).

Nos últimos anos, o Salgueiro destaca-se por exibir um chão forte, que compete duramente com as coirmãs pelo título de campeã do carnaval carioca. Ter um chão forte para as escolas, em geral, é reunir um grupo de corpos identificados com o pavilhão da escola e com o samba. É viver, experimentar, ensaiar a construção da escola. “No universo das escolas de samba, termo usado para definir a decisiva participação, no desfile carnavalesco, dos integrantes da comunidade de origem de uma escola” (LOPES; SIMAS, 2015, p. 60). A comunidade⁴ é formada pela ala⁵ das baianas, a ala da

⁴ Segundo Dicionário da História do Samba: “Grupo de indivíduos que vivem num mesmo lugar, compartilhando interesses comuns. Nas escolas de samba, com a participação cada vez maior de pessoas estranhas ao universo das agremiações, num fenômeno iniciado ainda na década de 1950, a

Velha Guarda, a ala dos compositores, os três casais de mestre-sala e porta-bandeira, a ala dos(as) assistas, a ala da bateria, a ala Maculêlê com coreografia, as alas que contam o enredo da escola e, ainda, os componentes das alegorias, a equipe do carro de som, formada por músicos e intérpretes e os diretores de harmonia. Assim, o chão da escola corresponde à comunidade do Salgueiro, ou seja, um grande grupo de corpos, que se subdividem nas diversas alas que compõem a agremiação, responsável pelo assentamento da escola e pela performance no dia do desfile.

A comunidade reúne-se anualmente entre o final de setembro e começo de outubro para cadastramento dos integrantes nas alas e início dos ensaios. A comunidade é formada de corpos, oriundos de diversos locais: Morro do Salgueiro, Zona Norte, Zona Oeste, Zona Sul, Centro e, ainda, da região metropolitana e de outras cidades mais distantes do município do Rio de Janeiro. A diversidade de corpos é visível: homens, mulheres, LGBT, adultos de todas as idades, de jovens a idosos, negros, pardos, não-brancos e brancos. Eles variam na forma, na altura, no peso, entre outras dimensões. Percebe-se, de maneira geral, que grande parte da escola é formada de mulheres negras. Nos últimos anos, esses corpos passaram a começar os ensaios antes da escolha do samba enredo, uma vez que os/as componentes votam no samba. Nesta fase, restam, aproximadamente, 4 (quatro) sambas enredos em disputa para se tornar o hino oficial da escola para o carnaval do ano seguinte. Assim, os preparativos dessa grande celebração se iniciam no ano anterior ao do desfile. Segundo, Cavalcanti (1999, p. 49), “a confecção de um desfile começa mal terminado o carnaval do ano anterior, com a definição de um novo enredo a ser levado pela à escola na avenida”. Os ensaios começam no último trimestre do ano e culminam até o dia do desfile, no mês de fevereiro ou março, no Sambódromo⁶.

participação de moradores ou componentes oriundos dos núcleos de origem dita a prevalência maior ou menor de elementos característicos” (LOPES; SIMAS, 2015, p. 70).

⁵ Segundo Dicionário da História do Samba: “Cada uma das unidades básicas ou células organizacionais das escolas de samba, inicialmente formadas por parentes, vizinhos ou amigos. Em razão de suas funções, as alas eram outrora caracterizadas como ‘técnicas’ ou ‘de componentes’. Entre as primeiras estavam a ala da bateria, a das baianas e a dos compositores (LOPES; SIMAS, 2015, p. 20).

⁶ Local onde ocorrem os desfiles do Grupo Especial e do Grupo de Acesso (Série A) e, ainda, o desfile das escolas mirins. A Avenida Marquês de Sapucaí possui aproximadamente 700 metros de extensão. “A Prefeitura do Rio divulgou nesta quinta-feira (11) informações sobre o carnaval 2018. No Sambódromo, os desfiles das Escolas de Samba do Grupo Especial, Série A e Escolas Mirins, totalizando 42 agremiações, deverão atrair cerca de 500 mil pessoas”. Disponível em: <http://m.jb.com.br/carnaval-2018/noticias/2018/01/11/desfiles-na-sapucaí-deverao-atrair-500-mil-pessoas/>. Acesso em: 02 jul. 2018.

Inaugurado em 02 de março de 1984, o Sambódromo é considerado o Templo do Samba. Localizado entre a Praça Onze e o Catumbi, foi construído justamente onde existiu a Pequena África do Rio de Janeiro, concentrando descendentes de africanos [...]. Sua arquitetura é uma criação do renomado Oscar Niemeyer, que só viu a obra concluída conforme o projeto original em 2012, quando foram construídos quatro novos módulos de arquibancadas no espaço anteriormente ocupado por um gigantesco bloco de camarotes (LIESA NEWS, 2014, p. 10).

A construção do Sambódromo, “expressou o reconhecimento oficial do potencial turístico, econômico, artístico do desfile na vida da cidade. Essa obra trouxe rentabilidade financeira para a festa, mas lhe impôs também condições espaciais muito definidas” (CAVALCANTI, 1999, p. 75). Assim, por exemplo, a Passarela do Samba é marcada por uma organização espacial, onde os melhores locais são os mais caros. A arquitetura hierarquiza o ato de ver as escolas. Em outras palavras, quem assiste melhor a evolução dos/as componentes da escola na avenida são aqueles/as que podem pagar mais por um ingresso (Cavalcanti, 1994).

No dia do desfile, os/as componentes são aqueles/as que passam pisando no chão da avenida do samba, vestindo as fantasias e contando corporalmente o enredo da escola. Essas fantasias usadas pelos/as componentes das alas da comunidade são emprestadas pela escola e precisam ser devolvidas posteriormente. Caso o/a componente não devolva a fantasia, ele/a é “automaticamente” cortado/a da ala, sendo proibido/a de desfilar no ano seguinte. O caminho da fantasia é o seguinte: a escola passa ao componente e, depois, o mesmo repassa à escola. Em seguida, a escola pode vender as fantasias a outras agremiações ou mesmo reaproveitá-las. Nesta dádiva entre escola e componentes, percebe-se uma relação de dar, receber e retribuir (MAUSS, 2003), fortalecendo a condição de pessoa dos/as componentes da comunidade. Os/as componentes ainda têm outros compromissos com a escola, além de devolver a fantasia. Pode-se destacar, primeiramente, que o/a componente deve se inscrever no grupo da comunidade, sendo designado pela direção a compor uma das alas da escola. Ao se inscrever, o componente é obrigado a participar dos ensaios semanais da escola, que atualmente acontecem às quintas-feiras, de 20h às 22h, podendo o/a componente faltar até três vezes. Caso exceda o número de faltas permitido, ele/a poderá ser cortado/a da escola. Existem ainda outros compromissos importantes com a agremiação, como o ensaio técnico na Avenida Marquês de Sapucaí e a gravação do samba enredo na cidade do samba. Nesses dois eventos, os componentes, normalmente, ganham uma camisa da

escola, vermelha ou branca, podendo variar outras cores, e devem usar uma peça branca na parte de baixo, compondo o uniforme da escola. Ademais, os componentes são convidados a participar dos ensaios específicos com um pequeno grupo de alas, que podem acontecer tanto na quadra quanto na vila olímpica da escola, uma do lado da outra, ou na Cidade do Samba, em um dia da semana distinto da quinta-feira, dia oficial de ensaio.

Camisas

Imagem 1 e 2 – Camisas – Ensaio da comunidade no alto do Morro do Salgueiro



Imagem 3 e 4 - Camisas – Ensaio da comunidade na Rua Conde de Bonfim e Rua Maxwell



Fonte das imagens: Acervo pessoal Vítor Pimenta (Imagem 3 – Foto de Beatriz Freitas)

As camisas vermelhas e brancas do Salgueiro se configuram como o uniforme no dia a dia dos ensaios. Os componentes da agremiação vestem suas camisas em suas casas e, muitos, cruzam a cidade até chegar à quadra do Salgueiro, ponto de encontro da

comunidade, na Rua Silva Teles, no bairro Andaraí. Assim, as cores vermelha e branca colore a cidade no caminhar dos componentes pelas ruas. Ao alcançar a quadra da escola, as camisas se unem para performar o samba enredo da escola, construindo o chão vermelho e branco.

Nos ensaios, os corpos vestem normalmente camisas vermelhas e/ou brancas da própria escola. As camisas são normalmente do mesmo modelo e pano – poliéster, algumas podendo ter na sua composição 20% de algodão -, mudando apenas os enredos e assim as cores, desenhos, arte. Elas também podem ser de outras cores e de outros modelos. Há ainda a possibilidade ainda de o/a componente, por falta de tempo ou outro motivo, não vestir nenhuma camisa do Salgueiro. Por exemplo, quando ele/ela vem direto do trabalho. Mas grande parte da escola veste a camisa ou as cores da agremiação nos dias dos ensaios.

A camisa vermelha e/ou branca torna-se uma obrigação em compromissos como gravações do samba enredo e programas de televisão e, ainda, no ensaio técnico. Entretanto, o diretor de harmonia pode solicitar em um ensaio ou outro os/as componentes irem trajados com as cores da escola, compondo a parte de baixo – calça, bermuda ou saia -, na cor branca. Assim, os corpos se vestem de vermelho e/ou branco semanalmente, mudando de vestimenta somente no dia do desfile. Se considerarmos que os ensaios duram entre quatro a cinco meses, temos no mínimo 16 ensaios na(s) quadra(s)⁷ e nas ruas, sem contar o ensaio técnico na Sapucaí e outros ensaios/compromissos na Cidade do Samba ou na quadra da escola. Por exemplo, ensaios menores com mais ou menos 4 (quatro) alas, quando o foco é ensaiar o canto do samba enredo.

Nesse movimento dos ensaios, percebe-se que o chão da escola é assentado com as camisas da escola de vários anos, que se reúnem semanalmente, apresentando uma estética vermelha e branca. Dessa forma, as camisas celebram o enredo do carnaval presente conjuntamente com os enredos passados, os quais, normalmente, referem-se aos últimos anos, revelando a cada ensaio um mosaico da história da agremiação.

Em seguida, apresento alguns depoimentos dos/as componentes das alas da comunidade referentes aos usos de camisas ao longo dos ensaios semanais.

⁷ No carnaval de 2018, houve três ensaios na quadra no alto do morro do Salgueiro.

Gosto [ir com a camisa do Salgueiro aos ensaios], eu acho que já faz parte, você já tem, como se diz, já como se fosse uma fantasia. Você colocar a camisa do Salgueiro é como se já estivesse fazendo parte do Salgueiro, é como se fosse o Salgueiro. Como se fosse a fantasia, o Salgueiro. Como se você estivesse fantasiado inteiro. E eu acho muito bonito, as pessoas olham pra você: “Ih, vai pro Salgueiro”. Acho legal, é como você fosse assim, é, voltando ao enredo, celebridade. Aquele enredo celebridade, é como se fosse uma celebridade... Sempre vermelho, porque é a cor forte da escola, então vou sempre com vermelho. A parte de baixo... aí, não. Ai que eu vario um pouco. Boto às vezes preto, uma cor mais clara. Assim pra ficar, eu acho que fica mais bonito o próprio vermelho e branco (JOSÉ RODRIGUES, 44 anos, negro, 10 anos desfilando no Salgueiro, morador do bairro Grajaú).

Essas blusas não saem daqui por nada. Tipo, dá vontade de botar num vidro, tô falando do Salgueiro, porque é do Salgueiro mesmo, porque é do Salgueiro. Colocar a camisa num vidro ali e falar tá aqui. Desfilei esses anos todos, aliás eu tenho acho que pra mais de 500 camisas de ensaio técnico, que eu não dou nenhuma (ORLANDO BENEDITO, 53 anos, negro, 7 anos desfilando no Salgueiro, morador do bairro Rocha).

Costumo [ir com a camisa do Salgueiro aos ensaios], mas, ultimamente, não tenho ido, porque as camisas que eu tenho é tudo antiga, então eu não costumo colocar. Eu pensei que esse ano ia rolar uma camisa do Salgueiro, não rolou, né. Aí eu vou de vermelho e branco, né, e tá bom... Uma rosa no cabelo... (JORDÊNIA LIMA, “não importa, seja branco, seja morena, seja negra... o que vale é o coração...”, 57 anos, mais de 2 décadas desfilando no Salgueiro, moradora do bairro Leme/Babilônia).

A expectativa. Que eu tenho o maior orgulho de botar essa, a camisa do Salgueiro. E quanto mais brilho melhor, porque eu sei que as pessoas vão ver que nós somos do Salgueiro. E se não tiver brilho, é uma camisa do Salgueiro que eu tenho o maior orgulho de botar (MARCO AURÉLIO, 61 anos, “sou uma pessoa clara”, mais de 4 décadas desfilando no Salgueiro, morador do bairro Piedade).

É, tem vez que eu gosto do vermelho e branco, só, boto um short vermelho e uma blusa branca... Não sou muito de andar com as camisas, não, mas tem guardada aí. Mas não sou de ir toda vez de ensaios com a camisa, não. Uma que é muito ruim, porque ela não deixa transpirar direito... Esquento muito. Só isso, mas se fosse de uma outra malha, duma malha mais legal, até queria. Já minha colega Luzinete, ela anda em casa... Não larga... Qualquer lugar que for, ela bota a camisa e vai, ela é mais assim, nesse sentido, mais do que eu (MARIA DA PENHA, 66 anos, negra, 15 anos desfilando no Salgueiro, moradora do bairro Quintino).

A partir dos depoimentos acima sobre a relação dos/as componentes e o “uniforme” dos ensaios, percebe-se que a camisa do Salgueiro e as cores vermelha e branca fazem parte da composição corporal do ensaios semanalmente. As camisas

transformam os/as componentes em parte do Salgueiro, identificados pelos próprios/as e pelos outros como membros do universo do samba. Mais do que uma camisa, este objeto emana o orgulho, o amor, a devoção à Academia do Samba. Em um ensaio, vestir uma camisa do Salgueiro ou vermelho e branco é preparar-se ritualmente para construir o chão da escola. É cobrir-se com os símbolos da escola, reafirmando a cada ensaio sua identificação com o pavilhão vermelho e branco. É tingir as ruas da cidade de vermelho e branco, revelando uma estética e política afro-brasileira, marcada pelo cantar, dançar, batucar (no caso da ala da bateria) coletivamente (LIGIÉRO, 2011), que alcança o seu ápice no dia do desfile, neste momento, trajando uma fantasia.

Fantasia

Imagem 5 - Ala 16 – Folia Preguiça⁸ Imagem 6 – Fantasia - A Revolta dos Malês de Luiza Mahin⁹



Imagem 7 e 8 - Ala 19 e diretores/as de harmonia - A Revolta dos Malês de Luiza Mahin

⁸ “O carnaval é a época propícia para exercitar um dos pecados favoritos da massa folia: a preguiça. No caminho para a purificação, Dante se depara com o bloco dos penitentes, aqueles que não tem pressa nenhuma para abandonar a grande festa. No ritmo ‘*é hoje só, amanhã não tem mais*’, o bloco da Folia Preguiçosa segue aproveitando cada momento do breve êxtase carnavalesco” (ABRE ALAS, 2017, p. 278). Enredo: A Divina Comédia do Carnaval. Carnavalesco: Renato Laje e Márcia Laje.

⁹ “A fantasia representa os guerreiros que fizeram parte da mais importante rebelião dos escravos no século XIX: a Revolta do Malês, em janeiro de 1835, na Bahia. O levante foi protagonizado por negros muçulmanos que liam e escreviam em árabe. As formas de nossa fantasia representam essa tradição islâmica. Uma das principais personagens da revolta foi Luisa Mahin, princesa na África, que veio como escrava no Brasil. ‘Quituteira’ despachava em ‘bolinhos’, mensagens escritas em árabe para outros rebeldes” (ABRE ALAS, 2018, p. 208). Enredo: Senhoras do Ventre do Mundo. Carnavalesco: Alex de Souza.



Fonte das imagens: Acervo pessoal Vítor Pimenta

Neste trabalho, o foco sobre as fantasias está nos corpos responsáveis, fundamentalmente, por desenvolver o enredo da escola na avenida, que formam as alas da comunidade. Assim, a abordagem não trata das alas tradicionais da escola como a ala das baianas e a ala da velha guarda e, ainda, a ala dos/as passistas. Pois se considera que as fantasias dessas alas se enquadram em outra tipologia, uma vez que cada uma possui um significado distinto dentro da agremiação. As baianas simbolizam a conexão ancestral com as gerações anteriores. A Velha Guarda reverencia a história dos seus antigos componentes. Passistas, homens e mulheres são responsáveis pela performance gingada do “samba no pé” (TOJI, 2009). As alas da comunidade são a grande massa corporal da escola, onde o chão se faz fortemente. A título de apresentação, no dia do desfile, os/as componentes das alas da comunidade devem estar:

Caracterizados com a mesma fantasia, com os complementos, como meias, sapatos, luvas, chapéus, esplendores iguais. Deve ser um grupo coeso, homogeneamente trajado, com uma dança animada, todos cantando e seguindo em direção ao final da Sapucaí, passando bem pela avenida junto com o restante da escola. (GONÇALVES, 2009, p. 228).

No desfile, as fantasias da comunidade são responsáveis por contar o enredo da escola. Nesse sentido, o que nos interessa aqui é revelar como os componentes da comunidade se relacionam com as fantasias. Assim, não falarei da confecção das fantasias no barracão da escola. Em primeiro lugar, de maneira geral, o que elas/es julgam ser mais importante é o conforto e a beleza. Os/as componentes avaliam se a fantasia é mais ou menos pesada, mais ou menos confortável, mais ou menos bonita, mais ou menos quente, mais ou menos volumosa, entre outros aspectos. Tocando em suas percepções sobre as fantasias usadas por eles/elas no dia do desfile, apresento abaixo alguns depoimentos dos/as componentes das alas da comunidade.

Não, bonita eu não ligo não, mas assim, leve e confortável, nada que te incomode não... A que eu me senti hipermega bem foi a de D. João na corte, alguma coisa assim, que foi oconcur, saí de casa vestido, cheguei elegantíssimo, do Fama... (ORLANDO BENEDITO, 53 anos, negro, 7 anos desfilando no Salgueiro, morador do bairro Rocha).

Se vai ser leve, se vai ser pesada... Isso aí que a gente tem que dar prioridade, se vai ser leve... É, porque você tem que evoluir, a fantasia pesada, complicada, o esplendor que te atrapalhe, você não evolui. Esse último, agora, o esplendor machucava muito, aquilo ali, olha, vou te dizer. Eu não fui nas Campeãs, porque eu não tinha condições. Aquilo tava tudo dolorido... Mais marcante... mais marcante... eu posso te dizer só a primeira mesmo, que eu desfilei. Foi uma fantasia linda... Chiquíssima! (De Xica da Silva)... É, sabe, ali foi uma fantasia que souberam gastar em cima dela, foi uma fantasia linda, maravilhosa (JORDÊNIA LIMA, “não importa, seja branco, seja morena, seja negra... o que vale é o coração...”, 57 anos, mais de 2 décadas desfilando no Salgueiro, moradora do bairro Leme/babilônia).

Ah, eu gosto assim, não gosto de nada pequenininho. Nada que não apareça não. Eu gosto de coisa, assim, muito cheguei!! Eu acho que fantasia tem que mostrar. Esse negócio de vir com um paninho e tudo. Já chega que quando tiver que sair na ala, na velha guarda vou ter que botar um terno. Pelo amor de Deus, né. Quero mostrar uma roupa que, pelo menos, o pessoal diga assim: “Nossa que lindo!”. Mas vai dizer assim: “Você gosta de aparecer né?”... Papagaio [fantasia]. Aquele ano foi lindo também. O ano passado ela não estava feia, ela estava bonita também aquela roupa que nós vestimos, só que o esplendor estava muito pesado, muito... A preguiça estava uma gracinha. E eu também, eu, eu amei porque eu gosto das coisas ligadas assim à Roma, né. Do Joãozinho 30, naquela época, eu desfilei, era “As minas do Rei Salomão”. A minha roupa... era tipo um grego!! Pooooo... mas era muito show! Eu amei aquela roupa. E vinha, e, assim, na frente da nossa ala, vinha os destaques tipos umas carruagens, aqueles... rapaz muito bonito. Muito bacana, sabe. Então, eu tenho história, eu tenho história de carnaval... (MARCO AURÉLIO, 61 anos, “sou uma pessoa clara”, mais de 4 décadas desfilando no Salgueiro, morador do bairro Piedade).

Pera aí, que foi... o palhaço [fantasia]. O palhaço me... Ah, porque eu me pintei, me extravasei bastante, e o colorido, eu achei muito lindo ele, o palhaço. Foi marcante mesmo... Bonita... Leve, confortável, bonita [nesta ordem] (MARIA DA PENHA, 66 anos, negra, 15 anos desfilando no Salgueiro, moradora do bairro Quintino).

Fantasia bem maneirinha, bem legalzinha, que eu pulei, que foi o bicho, foi do turista. Era a fantasia que eu queria um dia ter desfilado. E eu desfilei. Quando eu vi, é essa que eu quero pular. Quero brincar. Nossa, que delícia, era short a fantasia. Short. Pra mim aquela foi a melhor de todas... Foi muito bom. Foi muito boa. Foi muito maneira da nossa ala. Foi um espetáculo. Uma camisa bem legalzinha. Um desenho de uma máquina fotográfica. Short. Nossa e muito bonitinha. O visual de olhar. Assim, bem legal (SANDRA JESUS, 62 anos,

negra, mais de 20 anos desfilando no Salgueiro, moradora do bairro Andaraí).

Marcante, bonita foi a de Fama. Apesar de ser... Mais marcante foi Malandro, não adianta. Aquela capa, aquele chapéu, realmente, quem olhava... E achei engraçado que ela era um terno na frente e atrás era aberta. Ou seja, fresca, não era totalmente fechada. Ela lembrou disso, ela fechou na frente, tipo um terno, mas vou deixar as costas atrás aberta, pra poder refrescar. Então eu acho que foi uma fantasia que foi encaixada, foi de acordo com o enredo, foi uma fantasia leve e bonita. Teve a da Portela também, não posso esquecer que desfilei na Portela. Primeira que eu desfilei na Portela foi parecida com essa de Fama, foi uma cartola, capa, terno, calça, né, e bota, praticamente igual... A primeira coisa que eu penso é se é confortável... É, o conforto. Sapato, principalmente. Imagina, você quer sambar com o sapato tá apertado. Ou então o sapato sai do seu pé. Você quer pular, nisso que você pula, você fica com o pé descalço (JOSÉ RODRIGUES, 44 anos, negro, 10 anos desfilando no Salgueiro, morador do bairro Grajaú).

Nos depoimentos apresentados anteriormente, observa-se que os/as componentes preferem uma fantasia leve e bonita. Eles/as desejam estar bonitos/as no dia do desfile, e querem dançar, cantar e brincar o carnaval. Para que isso aconteça, a fantasia precisa ser leve, possibilitando um movimento harmônico dos corpos com a música, reverberada pelo canto, pela bateria da escola e, ainda, pelo canto do público. Assim, o dia do desfile é marcado por essa busca de evolução brincante, vestindo-se uma fantasia que conta o enredo da escola. Em outras palavras, o dia do desfile é o momento de maior esforço corporal do/a componente, quando ele/a enfrenta o desafio de carregar, muitas vezes, uma fantasia pesada sem deixar o corpo desanimar. O desafio é cantar, dançar e brincar, apesar do peso e calor da fantasia. Como se revela nos depoimentos a seguir, o que se sobressai nessa experiência para os/as componentes é a sensação de que estar fantasiado, ou mesmo com a fantasia nas mãos, é algo de extraordinário.

Nossa, é muito bom [estar fantasiado], né! A gente passa ali, a gente sente glorioso, grande. O pessoal olha pra você, tanto que eles ficam tão contentes com o que tão vendo, se eles gostarem, que eles querem que você dê um pedaço da tua roupa pra eles, sabendo que você tá desfilando. Você não pode tirar no meio da Avenida, “toma um chapéu, toma um escudo, toma a capa”, e seguir o desfile, não, porque vai perder ponto. Mas assim é muito gostoso, eu saio de casa já esnobe, saio com o nariz lá em cima. Você pega um ônibus ou um metrô, todo mundo te olhando, ah, dá pra se sentir, dá pra tirar uma onda! (ORLANDO BENEDITO, 53 anos, negro, 7 anos desfilando no Salgueiro, morador do bairro Rocha).

Sinto, sinto muito feliz. E eu sinto assim como se todo mundo tivesse olhando e eu fico feliz porque as pessoas ficam esperando. Os meus amigos que vem, que eu saio no Salgueiro, elas ficam esperando aquele momento de me ver fantasiado. Ah, quando você perguntou das fantasias, uma das fantasias que me marcou muito, embora fosse muito calorenta, mas foi muito linda, foi com essa homenagem ao Mestre Louro que a fantasia pesava 7 kg. Só que o peso dela no dia do desfile oficial, quando a bateria desfilou com ela, segundo eles, o peso era muito maior. Então, a casaca ela era tão pesada e ela, realmente, era tão calorenta. E eu tenho a maior satisfação de sair vestido de casa! Eu só, o que não dá pra vestir que eu levo. Mas eu tenho a maior satisfação de botar a roupa, né. (MARCO AURÉLIO, 61 anos, “sou uma pessoa clara”, mais de 4 décadas desfilando no Salgueiro, morador do bairro Piedade).

[O que sente quando está fantasiada?] Ah, sambo, né. Sambo, né, Maria. Sambo aqui mesmo, fecho as cortinas e tiro... no corredor já tirei e faço uma evolução. (MARIA DA PENHA, 66 anos, negra, 15 anos desfilando no Salgueiro, moradora do bairro Quintino).

Não, muda só, assim, maravilhosa de estar com fantasia na mão, sabe, você tá semanas e semanas ali ensaiando e você pega aquele troféu na tua mão, “falta pouco pra você desfilar”, e quando acaba dá uma tristeza... muito grande (JORDÊNIA LIMA, “não importa, seja branco, seja morena, seja negra... o que vale é o coração...”, 57 anos, mais de 2 décadas desfilando no Salgueiro, moradora do bairro Lema/Babilônia).

[O que sente quando está fantasiado?] Eu sou o artista. Tanto é que eu saio de casa fantasiado... Ando no meio da rua. Faço questão de sair de casa fantasiado pra todo mundo me ver... [...]. Eu gosto de fantasia quando é fabulosa, maravilhosa, realmente, é a fantasia. É a palavra, é certa... Você se fantasia realmente, é uma fantasia pra você ser aquilo ali por alguns instantes. É o que eu falo pra você, é a emoção e a ilusão. Como diz um samba da Mangueira, o que é Carnaval, “é a doce ilusão, é promessa de vida no meu coração”. E é verdade, o carnaval é uma ilusão, uma doce ilusão, que trás uma promessa de você viver aquilo ali, e te dá uma garra pra você continuar o ano em si, nessa energia, entendeu? (JOSÉ RODRIGUES, 44 anos, negro, 10 anos desfilando no Salgueiro, morador do bairro Grajaú).

Nesses depoimentos, os/as componentes revelam o sentimento provocado pela fantasia. O prazer, a glória, a felicidade, por exemplo, emanam desta relação dos/as componentes com esse objeto de desejo aguardado ansiosamente ao longo dos meses. Mas que é revelado materialmente apenas a poucas semanas do dia do desfile. Fantasiar-se é a possibilidade de ser outra personagem. A fantasia precisa “causar” na avenida, sendo linda, fabulosa, maravilhosa, “elegantíssima”, entre outras expressões que saltam nas narrativas das pessoas entrevistadas. Ela é feita para ser vista e impressionar aquele/a que a observa. O desfile é o dia da glória do/a componente,

quando ele/a é o artista da festa. Entretanto o/a artista experimenta essa noite de magia, atravessado pela beleza da fantasia e pela vontade de brincar o carnaval, sambando.

O samba no pé e o visual

Como se observa nos depoimentos acima, apresenta-se uma tensão entre camisas e fantasias que se revela na relação entre os/as componentes e esses objetos. A tensão aqui se configura, por um lado, na possibilidade de se brincar livremente, quando os/as componentes vestem suas camisas nos ensaios e, por outro lado, na luta por conseguir brincar, quando eles/as vestem as fantasias no dia do desfile. Assim, os ensaios podem ser vistos como momentos, quando o “samba no pé” é experimentado em sua plenitude. Já o desfile é o tempo no qual o “visual” se sobrepõe ao “samba no pé”, uma vez que as fantasias limitam os movimentos dos/as componentes. Quando os corpos estão fantasiados para evoluir na avenida, o que se destaca é o “visual” da fantasia, já que, de acordo com os depoimentos, as fantasias, em sua grande maioria dificultam a evolução do canto, da dança e do brincar o desfile de carnaval.

Eu acho a fantasia, quem faz a fantasia, não bota a fantasia! Primeira questão é essa. Quem desenha a fantasia, costura a fantasia, não bota a fantasia de jeito nenhum! Por quê? Quantas das vezes... nós somos um país tropical, o carnaval é no verão, a criatura me bota uma fantasia toda fechada. Como é que você vai fazer com que aquilo ali, eu fico assim, gente... Jesus do céu, vou fazer o quê?... Máscara, e o esplendor pra mim, eu bania de vez esplendor. Porque o negócio é tão ruim, que você movimenta, o negócio sobe, prende tua garganta, você quer falar e não consegue, que dirá cantar... Atrapalha completamente, e quando garra um no outro. Teve um ano que, não lembro qual foi a fantasia, tinha uns negócios atrás, tipo umas plumas, que agarra uma na outra. Na Avenida eu vi umas três vezes agarrando... Então eu acho que fantasia tinha que ser uma coisa mais leve, tinha que ser uma coisa mais fácil de leitura. Você às vezes não entende. (JOSÉ RODRIGUES, 44 anos, negro, 10 anos desfilando no Salgueiro, morador do bairro Grajaú).

Porque eu vou te contar é um castigo. Eu me sinto castigada. Porque não é possível se fazer fantasias tão pesadas. E agora chegou ao cúmulo de que são três camadas. A primeira você nem vê. Não precisava. A segunda... tinha outro jeito. Ou perderam o “time”, o jeito de fazer fantasia. Que eu não acredito que tenha necessidade dessas coisas que estou desfilando. Está insuportável. Pra mim está em um nível insuportável. Infelizmente, a gente só vê na hora. Mas é um castigo. Eu me sinto castigada. Eu me senti castigada este ano. Eu achei que nós não merecíamos. A nossa ala é maravilhosa. Tem um pique muito maneiro. Que não merecia chegar na hora, uma ala como a nossa ficar apática e tendo que... carregando peso. Isso é um castigo.

Alguma coisa, aliás, tem que ser feita. Não sei o quê. Alguém tem que dar um toquezinho lá que... Não pode ser mais [...]. Eu fico, eu ando revoltada com essas fantasias. Tá incoerente demais. Esse ano foi demais. Eu chamaria de fantasia incoerente. Sem noção... Nós não ensaiamos o ano inteiro para evoluir. Uma fantasia que você tem que ficar apática. (SANDRA JESUS, 62 anos, negra, mais de 20 anos desfilando no Salgueiro, moradora do bairro Andaraí).

Os depoimentos acima revelam nitidamente a tensão existente entre a concepção de fantasia daqueles que a desenham e daqueles/as que a vestem. Por um lado, temos o carnavalesco voltado para a dimensão “visual” do carnaval, visto que o personagem carnavalesco é entendido, há algum tempo, como “aquele que além de conceber, realiza um enredo, tornando-se uma espécie de ‘diretor geral’ de um espetáculo, ou de ‘maestro’ de uma ‘orquestra’ ao coordenar a preparação das várias partes de uma escola para o desfile” (CAVALCANTI, 1994, p. 57). Assim, “a tarefa de confeccionar enredos nas escolas de samba, na maioria das vezes, é atribuída ao carnavalesco, pois está intimamente ligada ao processo criativo artístico-visual” (NATAL, 2014, p. 48). No caso específico da escola Acadêmicos do Salgueiro, “o Departamento Cultural começou a exercer também essa função no ano em que o carnavalesco Mauro Quintaes foi o carnavalesco da agremiação”¹⁰. Entretanto, há de se destacar, neste mundo artístico dinâmico, a constituição da individualidade artística desse profissional no carnaval carioca (SANTOS, 2009), responsável por dar forma às alegorias, adereços e fantasias. Por outro lado, encontram-se os/as componentes preocupados com a questão do conforto e da estética das fantasias. As fantasias não podem ter um fim em si mesma, ou seja, elas não podem ser bonitas e desenhadas para ter volume e movimento, se os corpos que as carregam não suportam seu peso e formato. Elas devem ser bonitas, mas também confortáveis, permitindo que os/as componentes evoluam vibrantes ao longo do desfile. Essa concepção, revelada pelos/as componentes das alas da comunidade, se alinha à dimensão do “samba”, pois só estando leve e confortável é possível executar os movimentos corporais gingados do samba, conseguindo-se a evolução e a harmonia desejada para a competição do desfile. Nesta tensão entre “visual” e “samba”, apresenta-se duas concepções distintas de conceber um desfile de carnaval. A primeira, é marcada pelo caráter individualista do carnavalesco. A segunda, é fruto da vontade coletiva de brincar o carnaval. O carnavalesco busca no seu trabalho definir sua individualidade artística constantemente, dialogando com o mundo social que o cerca,

¹⁰ Ibid.

ou seja, tentando convencer outros carnavalescos e o público em geral, de que o seu trabalho possui uma “marca” individual (SANTOS, 2009). Os/as componentes buscam fazer no desfile o que eles/as fazem nos ensaios, isto é, ocupar ruas e avenidas para pensarem a vida dançando, cantando, batucando e brincando, produzindo um conhecimento estético e político, a partir dos seus corpos brincantes (PIMENTA, 2009).

Dessa forma, podemos desvendar a denominação “fantasia incoerente”, referente às imagens 6, 7 e 8, usada pela componente como uma fantasia que joga contra a própria escola. Pois a escola é avaliada, atualmente, por um corpo de julgadores em nove quesitos, conforme Manual do Julgador¹¹ (2018). São eles: Bateria, Samba-Enredo, Harmonia, Evolução, Enredo, Alegorias e Adereços, Fantasias, Comissão de Frente e Mestre-Sala e Porta-Bandeira. Dessa forma, se as fantasias dificultam o cantar, dançar e brincar dos/as componentes, elas, ao invés de colaborarem com a performance da escola, acabam por comprometer a evolução e a harmonia do desfile. Como se apresenta no seguinte depoimento:

Gente! Incoerente. Pra mim, incoerente. Eu acho que de repente está pagando bem caro, pagando o campeonato. Não é nessa ala, mas em outras. A gente não sabe, quem tá lá em cima não vê? Tá vendo. Que estamos perdendo... é claro, nós perdemos no samba. Tudo bem. Ah! Não. Nós não perdemos na evolução... nós não perdemos. Mas podia tá muito melhor. Essa é a verdade. (SANDRA JESUS, 62 anos, negra, mais de 20 anos desfilando no Salgueiro, moradora do bairro Andaraí).

Nesse sentido dado pela componente da ala da comunidade, o “visual” é visto como um limitador do “samba”, colocando em risco o campeonato da agremiação. Assim, percebe-se uma tensão interna na própria construção da escola, que transita entre as duas dimensões do fazer carnaval. Segundo Cavalcanti (1994), analisando as escolas do Grupo Especial do Rio de Janeiro na década de 1990, essa tensão foi vital para as transformações das escolas ao longo da história do carnaval, proporcionando potência na competição em desfile.

Ao longo dos carnavais, essa tensão alinha as escolas, mais ou menos próximas de cada um desses polos; interfere na competição carnavalesca pela preferência ideológica dos cidadãos; e serve muitas vezes de suporte para oposições de outra natureza. Assim, por exemplo, a escola de samba Estação Primeira da Mangueira produz de

¹¹ Ver: MANUAL DO JULGADOR. Rio de Janeiro: LIESA, 2018. Disponível em: <http://liesa.globo.com/material/carnaval18/julgador/Manual%20do%20Julgador%20-%20Carnaval%202018.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2018.

si mesma uma imagem identificada ao “samba” que alude à origem de formação das escolas, e defende, no contexto carnavalesco mais amplo, a ideia de uma “tradição” tão apreciada pelos estudiosos da cultura popular. No outro extremo, escolas como a Mocidade ou a Beija-Flor, e seus simpatizantes, tomam o partido decidido do “moderno” e do gosto pela inovação (CAVALCANTI, 1994, p. 53).

Nesse movimento competitivo do desfile, o carnaval e as escolas de samba podem ser vistos como bem cultural em um circuito amplo de indústrias culturais (RAPOSO, 2011). As escolas perpassadas pela comercialização e expansão social, a partir de suas histórias particulares, se aproximariam de uma ou outra dimensão desta disputa carnavalesca. Dessa maneira, em um carnaval, a tensão entre “samba” e “visual” manifesta uma interação, “entre diferentes grupos sociais e diferentes gêneros expressivos. Sua evolução traz tradições populares para a era da mídia e do mercado num processo cultural fecundo que percorre e agita anualmente o Rio de Janeiro” (CAVALCANTI, 1999, p. 51). E esta tensão se perpetua intraescola, uma vez que a escola caminha no fio da navalha entre a “beleza” e o “movimento”. No interior da escola, coexistem concepções distintas do fazer carnaval, que se chocam frontalmente no dia do desfile, como se percebe nos depoimentos dos/as componentes.

Prospectiva

Neste trabalho, buscou-se investigar a relação dos/as componentes das alas da comunidade do Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro com os objetos: camisas e fantasias. Ao analisar esses dois objetos, presentes na construção estética e política do chão vermelho e branco, verificou-se a tensão entre o “visual” e o “samba no pé”. A camisa é o traje “oficial” dos ensaios, quando os corpos podem exercitar livremente os movimentos do samba, pulando e brincando o carnaval. A fantasia é a pele do desfile, quando os componentes se transformam em uma personagem do enredo, fantasiados da cabeça aos pés.

Nos ensaios, ao se vestir as camisas do Salgueiro ou camisas vermelhas e/ou brancas, o que se destaca no encontro da comunidade é o “samba”, ou seja, o aspecto performático do evento, no qual os movimentos são experimentados de corpo inteiro. Assim, os/as componentes destacam a performance do samba nos ensaios semanais, ficando a dimensão “visual” em segundo plano. O vermelho e branco das camisas sublinha uma identificação dos/as componentes com a agremiação, configurando cada

membro parte visual da escola. Todavia o destaque é a performance coletiva dos/as componentes, marcado pelo cantar, dançar, brincar o samba enredo.

No desfile, ao se vestir as fantasias, a dimensão “visual” toma à cena, destacando-se o aspecto plástico do carnaval. As fantasias concebidas pelos carnavalescos acentuam a dimensão “visual” do espetáculo, dificultando a performance dos/as componentes no desfile. Depois de ensaiar por meses, os/as componentes se veem “castigados” por vestir uma fantasia que não os/as permitem evoluir facilmente na passarela do samba, quando o “samba” é preterido em relação ao “visual” da escola.

Nessa tensão entre o “samba” e o “visual”, os ensaios configuram-se em momentos, quando é possível observar os corpos em movimento, em evolução plena pelas ruas da cidade, “onde um corpo sente o outro corpo, onde um corpo dança o outro corpo, onde corpos se conectam uns aos outros na experiência dinâmica, vital de conhecer e compreender o mundo a partir de seus corpos dançantes, que brincam de sambar o mundo” (PIMENTA, 2017, p. 20). Já o desfile, é o período quando os corpos são tolhidos pelas fantasias, diminuindo consideravelmente a amplitude dos movimentos corporais, a intensidade do canto, enfim, a energia dos/as componentes na avenida. Por fim, o que os/as componentes esperam, a partir dos seus depoimentos, é que a tensão entre “samba” e “visual” não comprometa a harmonia e a evolução do desfile. Eles/as sonham em sambar com fantasias lindas e leves, repetindo na Sapucaí aquilo que fazem semanalmente nos ensaios, isto é, dançar, cantar e brincar “a todo vapor”.

Referências bibliográficas

ABRE ALAS. Domingo – Carnaval 2017. Rio de Janeiro: LIESA, 2017.

ABRE ALAS. Segunda – Carnaval 2018. Rio de Janeiro: LIESA, 2018.

BITTER, Daniel. *A bandeira e a máscara: a circulação de objetos rituais nas folias de reis*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, 2008.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. Rio de Janeiro: FUNARTE; UFRJ, 1994.

_____. *O rito e o tempo: ensaios sobre o carnaval*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

CLIFFORD, James. Objects and selves: an afterword. In: STOCKING, G. (Org.). *Objects and Others: essays on museums and material culture*. The University of Wisconsin Press, 1985, p. 236- 246.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro, 2007.

GONÇALVES, Renata de Sá. Continuidade no espetáculo da mudança: o casal de mestre-sala e porta-bandeira. In: CAVALCANTI, Maria Laura; GONÇALVES, Renata de Sá (Org.). *Carnaval em múltiplos planos*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009, v., p. 221-252.

LIGIÉRO, Zeca. *Corpo a corpo. Estudo das performances brasileiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. *Dicionário da história social do samba*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2015.

MANUAL DO JULGADOR. Rio de Janeiro: LIESA, 2018. Disponível em: <http://liesa.globo.com/material/carnaval18/julgador/Manual%20do%20Julgador%20-%20Carnaval%202018.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2018.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

NATAL, Vinícius Ferreira. *Cultura e Memória na Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, 2014.

RODRIGUES JUNIOR, Nilton. O que faz a velha guarda, Velha Guarda?. In: CAVALCANTI, Maria Laura; GONÇALVES, Renata de Sá (Org.). *Carnaval em múltiplos planos*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009, v., p. 309-339.

PIMENTA, Vítor Gonçalves. Algumas reverberações sobre o chão do Salgueiro. Apresentação de trabalho no XVI Congresso de Antropologia na Colômbia e do V Congresso da Associação Latino-americana de Antropologia. Bogotá, 2018.

RAPOSO, Paulo. Virando o outro em Podence: máscaras da pós-ruralidade. *Antropolítica*, Niterói, n. 30, p. 131-149, 2011.

REVISTA LIESA NEWS. Sambódromo: o palco da alegria completa 30 anos. Rio de Janeiro: LIESA, n. 13, 2014. Disponível em: <http://liesa.globo.com/material/ensaiogeral/revista/LN13.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2018.

SANTOS, Nilton Silva dos. Estilo autoral e individualidade artística: os carnavalescos no carnaval carioca. In: CAVALCANTI, Maria Laura; GONÇALVES, Renata de Sá (Org.). *Carnaval em múltiplos planos*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009, v., p. 156-172.

SENGHOR, Léopold. Sobre a negritude. *Diógenes*, Brasília, n. 2, p. 73-74, 1982.

TOJI, Simone. Passistas da Mangueira: o desfile das emoções na festa carnavalesca carioca. In: CAVALCANTI, Maria Laura; GONÇALVES, Renata de Sá (Org.). *Carnaval em múltiplos planos*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009, v., p. 221-252.